



Encarte especial – 1º trimestre letivo 2023

A natureza da criança

Maiores estímulos à curiosidade infantil, a natureza tem papel central na escola



A professora Raquel Atum não tinha planejado falar do cocô das abelhas com seus alunos do Maternal II, mas, naquele dia, era disso que eles queriam saber. Propostas pedagógicas anteriores já haviam despertado o interesse da turma pelo mundo dos insetos, e em visitas ao bosque da AB Sabin era visível a empolgação de todos ao examinarem de perto formigueiros e casas de cupim, ao tirarem fotos de lagartas e borboletas, enquanto faziam perguntas sobre onde viviam e o que comiam aqueles bichinhos. Mas, especialmente – talvez devido ao que, na sua idade, vinham entendendo sobre o próprio corpo –, a maior curiosidade de todos era se as abelhas faziam cocô.

Aproveitando o momento, Raquel propôs aos alunos que pesquisassem juntos a resposta. Uma criança sugeriu consultar um livro. Não havendo ali a informação,

outra sugeriu a internet, onde um vídeo no YouTube mostrou-lhes que, sim, abelhas fazem cocô, mas não no interior da colmeia, o que significa que elas passam o inverno inteiro lá dentro esperando para se aliviar na primavera – uma descoberta que avivou ainda mais o ânimo do grupo pelo tema.

O relato é só um exemplo de como a natureza tem papel essencial na Educação Infantil, mostrando-se o melhor impulsionador de aprendizagens nessa faixa etária, por suscitar a curiosidade inata das crianças por bichos, plantas e todo o mundo vivo à sua volta. Trata-se de um desejo espontâneo de conhecer e se relacionar com o meio ambiente que, fomentado pela escola, pode conduzir tanto a objetivos pedagógicos citados em documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como a experiências nem sequer previstas pelos professores. E, na

AB Sabin, essa relação entre infância e natureza não se dá somente no bosque, mas também nos demais espaços da escola, onde vários recursos ajudam a gerar novas investigações e descobertas.

Estado de alerta, no bom sentido

“A natureza é percebida pelos alunos quase como uma extensão do próprio corpo, eles sentem que pertencem a ela”, diz Raquel, explicando que é essa sensação de pertencimento orgânico que gera a curiosidade infantil, como se entender o mundo natural fosse, também, entender a si mesmo. “Eles querem saber tudo! Por que tem um buraco no chão? Porque é um formigueiro. Mas é escuro lá dentro; como as formigas enxergam?”

A professora nota, ainda, que é nos espaços verdes, livres e amplos que a criança mais se sente à vontade para testar seus limites e potencialidades motoras, correndo, subindo e saltando de árvores ou pendurando-se em galhos, por puro prazer.

“Nosso bosque é o espaço de que os alunos mais gostam, eles poderiam ficar lá três, quatro horas, fácil”, diz Nara Brito, professora do Pré I. Segundo ela, contar com um bosque como o da AB Sabin é um privilégio para quem vive em uma cidade como São Paulo, sobretudo pela frequência do convívio com a natureza. “Muitas escolas promovem estudos do meio ou visitas eventuais a parques urbanos, mas aqui esse convívio é diário. Isso é ainda mais rico porque permite à criança criar laços e ver mudanças ocorrerem ao longo do ano, com novas cores, sons e cheiros a cada estação”.

E o que já seria positivo por atrair o interesse das crianças é ainda melhor por outras razões. Segundo a diretora da AB Sabin, Sílvia Adrião, há uma série de competências que espaços naturais promovem, no desenvolvimento infantil, melhor do que qualquer outro tipo de ambiente. A começar por habilidades psicomotoras, como ter o domínio

corporal e espacial para se localizar e se mover em ambientes em tudo irregulares, do nível do solo aos galhos das árvores.

Em jardins e parques cheios de outras crianças e obstáculos, por exemplo, é preciso aprender a correr, cair, frear ou desviar para evitar acidentes ou trombadas. Tudo leva ao que Sílvia define como um “estado de alerta, no bom sentido”: “Não é estresse, é atenção total, focada. Aliás, já há especialistas que indicam que um ‘déficit’ de natureza pode acarretar, para as crianças, dificuldade de concentração, aprendizagem e mobilidade”, diz a diretora.

Ela acrescenta que há, ainda, um estímulo à criatividade, já que, onde não há brinquedos prontos, é preciso imaginação para fazer de um graveto uma espada ou de uma árvore um forte a ser invadido. O que, segundo Sílvia, também traz benefícios comprovados nos campos da razão e da emoção. “Crianças que brincam em ambientes não estruturados têm desempenho cognitivo superior e tendem a ser mais emocionalmente preparadas para lidar com situações diversas”.

É algo que a professora Nara confirma por experiência: “Eu quase nunca preciso mediar conflitos quando as crianças estão no bosque. É uma paz!”

Lugar de afetividade

Nem toda aprendizagem, por óbvio, se dá no bosque da AB Sabin, mas, nos demais espaços da escola, a natureza continua a ser mote de pesquisas e experiências. Nas salas de referência, diz Sílvia Adrião, as professoras aproveitam a curiosidade das crianças para dar prosseguimento às investigações do mundo natural por outros recortes, valendo-se de recursos como livros e *notebooks*, lupas, canetas microscópicas, retroprojetores, mesas de luz, entre outros. “Também podemos trazer convidados especiais, como no ano passado, quando recebemos a visita de um apicultor para



Na AB Sabin, a conexão entre infância e natureza é trabalhada em torno de quatro eixos:

- **Alfabetização ecológica:** o início da consciência do cuidar.
- **Práticas indutoras do desenvolvimento científico,** como o levantamento de hipóteses e a realização de experimentos.
- **Arte e natureza:** a natureza como repertório e fonte de fruição estética e inspiração criativa.
- **Brincadeiras com e na natureza:** a criação de experiências e memórias afetivas, que dão significado ao aprendizado.

A equipe produziu um e-book que explica esses pontos a fundo, com fotos e depoimentos de alunos, que pode ser acessado pelo QR Code abaixo:



Verde Infância



falar da criação de abelhas”, lembra a diretora. “Ele veio vestido com a roupa de trabalho e trouxe favos de mel para os alunos provarem”.

Assim, enquanto o interesse da turma se sustentar, as professoras continuarão a utilizar o tema para propor projetos diversos, como observar insetos ou fabricar casinhas de argila para bichinhos. Em conjunto, tais projetos visam às mais diversas aprendizagens, do desenvolvimento da linguagem plástica à motricidade fina, das noções de tamanho e escala à resolução de problemas variados – incluindo o problema de descobrir se abelhas fazem cocô. “Nós garantimos os objetivos da BNCC, mas somos guiados pelo interesse das crianças”, diz Sílvia.

Outro exemplo são os conhecidos jogos de trilha com dados, que, segundo a professora Nara Brito, são muito usados na Educação Infantil por trabalhar sequências numéricas, contagem, compreensão e aceitação de regras, entre outros importantes conteúdos. “Um jogo de trilha ins-

pirado no caminho da formiga até o formigueiro não é mais um jogo qualquer”, diz Nara. “É o jogo deles, construído para eles e com eles, o que o faz ser muito mais significativo”.

“É significativo porque vem de um lugar de afetividade”, complementa a coordenadora pedagógica Suzy Vieira, notando, porém, que não cabe apenas à escola cultivar tal sentimento. “Muitas de nossas lições de casa pedem que os alunos coletem elementos como folhas, frutas e gravetos no jardim ou bairro onde moram, e as famílias também podem proporcionar experiências de aproximação das crianças com a natureza. Frequentem parques, tenham plantas em casa, tenham bichos de estimação”, recomenda a coordenadora.

É desse afeto, afinal, que surgirão o sentido do cuidado e da consciência ecológica, a curiosidade científica, a inspiração estética e artística, bem como o simples prazer que a criança sente em estar num mundo do qual ela, naturalmente, se sabe parte.



Etnia e raça na 1ª infância: convite à reflexão e à ação

Outro tema de grande valor para nossa escola que também resultou em um *e-book* para educadores e pais, nos últimos meses, foi como promover uma educação antirracista desde a primeira infância. Contando com a revisão técnica da pesquisadora Jussara Santos, o **Guia Síntese – Práticas e Reflexões sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais na Infância** apresenta medidas que a AB Sabin tem realizado nesse sentido, como promover momentos de formação sobre o tema; alimentar a biblioteca da escola com títulos que falem da vida sob a perspectiva de pessoas negras, dos povos originários e de outras etnias; bem como ampliar o repertório de músicas, danças, obras de arte e brincadeiras apresentadas às crianças, para refletir a diversidade cultural do País. O Guia é um convite à reflexão e à ação para que todos da nossa comunidade – equipe pedagógica, colaboradores e famílias –, nas práticas diárias de janeiro a janeiro, ajudem a promover uma sociedade inclusiva, antirracista e não xenofóbica.



Quer conhecer o Guia?
Aponte o celular
para o QR Code: